



## **O uso dos meios como alternativa de comunicação para a população dos Mbyá-Guarani presente nos Sete Povos das Missões<sup>1</sup>**

Denise Teresinha da SILVA<sup>2</sup>  
Ronaldo Bernardino COLVERO<sup>3</sup>  
Diego de Lemos RODRIGUES<sup>4</sup>  
Universidade Federal do Pampa, São Borja, RS

### **RESUMO**

Esse artigo versa sobre o uso de meios de comunicação como forma alternativa para a visibilização da realidade dos Mbyá-Guarani da região dos Sete Povos das Missões no Rio Grande do Sul. O assunto discutido aqui é um recorte de uma investigação do Grupo de Pesquisa FOS da Unipampa sobre as Missões Jesuíticas no RS, sua presença na mídia e o uso de dispositivos midiáticos para retratar o seu cotidiano a partir da perspectiva dessa população. Aqui, estaremos privilegiando o uso do vídeo por esses indígenas, o que resultou no documentário “Mokoi Tekoá Petei Jeguatá”.

**PALAVRAS-CHAVE:** comunicação; cultura; cidadania; história; Sete Povos das Missões.

### **Repensando os conceitos sobre Comunicação**

Nas últimas décadas, ao indagarmos sobre os modelos tradicionais de comunicação, descobrimos que entre o pólo emissor e o receptor existem outros elementos que interferem na interpretação da mensagem. Esses elementos medeiam todo o processo de comunicação. A complexidade desse processo acontece porque as pessoas envolvidas nele são muito mais do que meras produtoras ou espectadoras. Cada ser humano é único, com seus conceitos e pré-conceitos. Além disso, pertence a vários espaços sociais, ou seja, é membro de uma família, de uma comunidade, de uma associação, de uma cultura, com específicas condições sociais, econômicas, culturais, políticas e psicológicas.

Assim, podemos perceber que os estudos atuais vêm rompendo com o antigo paradigma que restringia o processo comunicacional a uma ação (emissor) e uma reação

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania do X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Diretora da Universidade Federal do Pampa – Unipampa Campus São Borja, Professora Adjunta do Curso de Publicidade e Propaganda, e-mail: denisesilva@unipampa.edu.br.

<sup>3</sup> Professor Adjunto do Curso de Ciências Sociais – Ciência Política da Unipampa Campus São Borja, email: ronaldocolvero@unipampa.edu.br.

<sup>4</sup> Estudante de Graduação do 4º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da Unipampa Campus São Borja, email: diego\_lemosrs@hotmail.com.



(receptor), como também com o de se contentar somente com o acréscimo de elementos a esse processo. Hoje sabemos claramente que ele não é linear, mas *circular-aberto*, como um redemoinho que, por onde passa, carrega consigo partes das coisas e das pessoas com as quais interagiu, formando uma engrenagem que só se move a partir do encontro de seus eixos, ou seja, quando adquire sentido para quem o vivencia (SILVA, 2008).

Esse sujeito, antes anônimo, consegue por intermédio da mídia se tornar visível e expressar seus sentimentos e opiniões antes restritas a um espaço privado. Sua visibilidade midiática permite aos seus pares o reconhecerem como alguém diferenciado e, com isso, conquista os seus quinze minutos de fama, como diria Andy Warhon, possibilitando uma sensação de presença, de participação, legitimada pela imagem midiaticizada. Arendt afirma que esse mundo comum é o caráter público da esfera pública que só sobrevive se tem uma presença pública, se permite ser visto de várias perspectivas e sob vários aspectos, e isso depende do seu sentido de “permanência” que é responsável por estabelecer a ligação entre os seres humanos no passado, no presente e no futuro. Ela afirma ainda que a realidade advém do fato da pessoa ser vista pelas outras, da sua visibilidade, uma vez que o privado não se dá a conhecer, logo é como se não existisse, não tendo importância ou consequência para a sociedade, “para nós, a aparência – aquilo que é visto e ouvido pelos outros e por nós mesmos – constituem a realidade” (ARENDDT, 1997, p. 59).

Isso nos faz pensar sobre um certo declínio das formas tradicionais de socialização, como família, escola, igreja, associação, em relação aos meios de comunicação, enquanto instâncias de diálogo e interação, uma vez que a mídia assume, muitas vezes, o lugar que deveria ser das instituições sociais e não seu. Surge uma nova ética e uma nova estética, uma vez que os meios estão em toda a parte.

Já com a fotografia conquistamos essa prova material, esse *status* de verdade, onde o verbal precisa vir sempre documentado pela imagem. Ela institui a era do apareço, logo existo (SILVA, 2008). Como o que apresentaremos nesse artigo, fruto de uma investigação que teve início no final de 2009 pelo Grupo de Pesquisa FOS da Unipampa. A nossa investigação denominada “A fotografia enquanto palimpsesto da memória” passa por um momento de adequação do objeto de pesquisa. Um dos pontos de interconexão desse trabalho é o estudo dos usos dos meios de comunicação pelas pessoas para retratar a sua realidade e com isso fazer com que o sentimento de alteridade se sobressaia nas relações sociais, além de visibilizar uma versão dessa



realidade que não é divulgada pelos meios massivos. Por isso, o que num primeiro momento estava restrito à fotografia, ganhou maior abrangência quando tivemos acesso ao campo. Assim, o empírico nos mostrou a necessidade de incluirmos o estudo tanto da fotografia como do vídeo. Especificamente nesse artigo, estaremos privilegiando esse último para compreender o uso de dispositivos mediáticos por indígenas da região dos Sete Povos das Missões no Rio Grande do Sul. Nesse recorte, trabalharemos com um projeto feito pela ONG Vídeo nas Aldeias em parceria com o IPHAN, a qual capacitou jovens de duas aldeias indígenas dessa região para que os mesmos registrassem a sua realidade com imagens do seu cotidiano e na sua relação com os “brancos”, o que resultou no documentário “Mokoi Tekoá Petei Jeguatá” (Duas aldeias, uma caminhada).

O surgimento dos meios de comunicação introduziu um novo olhar sobre as questões sociais e isso gerou uma reconfiguração de conceitos definidos desde a Antiguidade, como público e privado, particular e coletivo, que são fundamentais na discussão comunicacional. A presença dos meios de comunicação propiciou novas formas de interação social, reorganizando padrões de interação humana através do espaço e do tempo e a dissociando do ambiente físico, como afirma Thompson, uma vez que permite que pessoas que não compartilham do mesmo ambiente espaço-temporal possam interagir entre si (THOMPSON 1998. p.77).

Toda sociedade sabe que a comunicação é a condição principal para a sua existência. Ela estabelece uma ligação entre as pessoas, um vínculo, um laço. Os meios se tornam uma janela para o mundo por onde perpassa a mensagem, a informação, numa via de mão dupla onde operam situações de dar e receber. Ela é a grande responsável pelo acesso à informação, uma vez que a partir dela podemos estar cientes dos acontecimentos. Assim, fatos antes relegados ao espaço privado, ganham notoriedade e se tornam públicos através de um dispositivo mediático, que é o mecanismo técnico pelo qual a comunicação baseada numa relação de permutação e interação que estabelece conexões entre os sujeitos num espaço privado transcende este espaço, sendo-lhe conferido um status de público (SILVA, 2008). Dentro dessa concepção, podemos inferir que a comunicação mediada por um aparato tecnológico que envolve os usos sociais na construção de sentido implica em processos que são midiaticizados.

Tendo como base o desenvolvimento dos estudos sobre o campo da Comunicação, é possível constatar que o conceito de “meio de comunicação” vem sofrendo constantes indagações principalmente com relação ao determinismo tecnológico. Se, em algum momento, o mecanismo técnico era condição *sine qua non*



para a formação desse conceito, hoje já se percebe que ele não é o suficiente para a concepção atual. Quando se trata de “meio de comunicação”, sabemos que além do aparato tecnológico estão presentes questões inerentes à prática social da produção e aos usos sociais da recepção. Assim, meio é visto como um mediador das relações existentes na sociedade, não sendo simplesmente um transmissor de informação. Verón afirma que “meio de comunicação” é um dispositivo tecnológico que está associado a determinadas condições de produção e recepção da mensagem no contexto dos usos sociais, satisfazendo o critério de acesso plural às mensagens (VERÓN, 1997, p. 4). Para Santaella e Nöth, há uma expansão do significado de “meios” que passou da esfera do técnico para o sócio-econômico de propagação das mensagens, tendo sua grande repercussão na obra de McLuhan para o qual o meio é a mensagem – lembrando que essa concepção de meios como extensão do homem amplia a designação do termo para todos os “meios de comunicação” (SANTAELLA, 2004, p. 58-59).

Rodrigues lembra que a capacidade do discurso mediático de circular entre os outros tipos de discursos, habilitam-no a exercer a função de mediação. Esta característica da prática discursiva, de ser um domínio da experiência sem fronteiras estanques, faz com que o suporte de difusão do discurso não se torne um critério indiscutível do discurso midiático, afirma o autor, fazendo “com que encontremos discursos mediáticos que não são veiculados pelos órgãos de informação tal como os órgãos de informação veiculam discursos não mediáticos” (RODRIGUES, 1996, p. 33). Dessa forma, quando um meio técnico serve de suporte para a exibição de imagens, a própria natureza destas imagens se transforma e, conseqüentemente, desperta um novo olhar, um novo modo de perceber o mundo, uma nova estética.

A imagem deixa de ser individual e forma parte de um grupo no momento em que é compartilhada por uma cultura através da identificação de seus membros com a representação inconsciente do modelo que rege a conduta do sujeito, bem como o seu modo de compreensão do outro e, também, com a projeção exterior do que Gutiérrez chama de imaginário grupal. A informação visual propiciou o conhecimento de si mesmo através do olhar do outro enquadrado numa moldura. Por isso é necessário compreender os valores e as forças das estratégias na construção de sentido utilizada pelas pessoas comuns, uma vez que, explica Gomes, os processos mediáticos precisam da realidade social como matéria-prima de sua produção (GOMES, 2004, p. 25-26). Neste sentido, é preciso um olhar que procura compreender os sujeitos no lugar onde vivem e quais os fatores implicados na circulação de sentidos, permitindo captar todos



os significados das ações das pessoas em suas atividades como audiência. É nas mediações desse espaço cultural, na troca de opiniões entre as pessoas que convivem num mesmo ambiente, que compartilham as mesmas práticas cotidianas, que a comunicação readquire a função inicial de ser solidária, de tornar comum, da compreensão do indivíduo como parte de um coletivo.

### **Um pouco da história dos povos indígenas e as Missões Jesuíticas**

Os jesuítas tinham como objetivo reduzir o índio para “convertê-lo à fé cristã, livrando-o de sua cultura pagã que era considerada como obra do diabo” (FLORES, 1997), e também para “remissão dos pecados” e para que os jesuítas pudessem “alcançar de Nosso Senhor uma grande estima da gloriosa empresa que lhes confiou, e fazer-se instrumentos aptos seus para a conversão de tantos fiéis” (QUEVEDO, 1999, p. 107). Segundo Mário Maestri, “o projeto jesuítico era o mesmo para todo o novo mundo. Reunir em uma aldeia diversas comunidades nativas, submetê-las à autoridade colonial e convertê-las ao cristianismo e ao que se considerava como civilização” (MAESTRI, 2000, p. 61). No entanto, uma indagação ainda é motivo de várias posições teóricas. Apesar dessas visões críticas sobre a presença jesuítica, qual seria a real ligação de uma grande população indígena organizada e esses religiosos. Será que somente de submissão à autoridade desses poucos padres presentes em cada redução?

Com os ataques dos luso-brasileiros e os interesses dos espanhóis, os jesuítas viram-se obrigados a migrar para o sul, penetrando em território sul-rio-grandense em 1626, na chamada zona do Tape (PESSAVENTO, 1997, p.8) e, a partir daí, seguir fundando reduções. Essas penetrações no território sulino deram-se sob bandeira espanhola, pois os primeiros jesuítas que vieram para a América estavam sob o comando da Coroa espanhola. Logo, a sua estabilização temporária na região Sul deu-se justamente em razão de uma estratégia geopolítica<sup>5</sup> da Espanha para o continente americano.

---

<sup>5</sup> A geopolítica diferencia-se das demais geografias pelo princípio de dinamismo, ou seja, utiliza os dados geográficos cruzados com a ação política do Estado, interna e externamente. No entanto, não tem o fim de buscar idéias abstratas e universais sobre diversos aspectos, mas achar elementos para promover uma discussão da atuação política do Estado tanto no âmbito interno quanto internacional. Friedrich Ratzel foi o grande precursor e inspirador das geopolíticas desenvolvidas por muitos Estados na busca de sua hegemonia capitalista. Este comparava o Estado a um organismo vivo, sujeito às leis naturais. Ver mais em SILVEIRA, Helder Gordim da. *Argentina x Brasil: a questão do Chaco Boreal*. Porto Alegre: Edipucrs, 1997.



Tanto as reduções do Tape como, mais tarde, as dos Sete Povos das Missões faziam parte do sistema colonial espanhol, pois foram criadas pela necessidade de manutenção de um território, conseguida através da fundação de agrupamentos indígenas dentro dos princípios cristãos, que impunham ao índio uma doutrina. Entretanto, as reduções representavam para os índios a possibilidade de não serem escravizados, tanto pelos *encomenderos* espanhóis quanto pelos luso-brasileiros de São Vicente. Conforme relatos do padre Roque Gonzáles, fundador das missões, referentemente à região do Tape, o índio, por vezes, resistia ao processo reducional, dificultando em certos momentos o trabalho do jesuíta. E continua: “No período reducional os missionários defrontaram-se com muitas adversidades, tanto internas (sublevações indígenas, ação de animais ferozes) quanto externas (o *encomendero* espanhol e as bandeiras escravistas)” (QUEVEDO, 2000, p. 80).

Entretanto, os jesuítas consideravam o espaço guarani na construção das reduções, o que se pode notar através das Cartas Ânua, da época da formação das reduções jesuíticas da margem oriental do Uruguai. Nessas, era expresso que as missões seriam construídas nos lugares que tivessem alguma significação especial, ou fossem sagrados para os guaranis, o que, por conseqüência, facilitaria o contato com os índios e a transformação do espaço já construído pela cultura guarani em espaço reducional cristão.

Frente a essa ameaça externa, os padres da Companhia de Jesus perceberam a necessidade de se organizar para os combates entendidos como uma Guerra Santa. Essa guerra era justificada e defendida ideologicamente através dos *Exercícios espirituais*, escritos por Ignácio de Loyola a partir de 1522 e publicados em 1548 (QUEVEDO, 2000).

A partir de 1680, com a fundação da Colônia do Sacramento, em frente ao porto de Buenos Aires, e o retorno dos jesuítas ao local de suas antigas reduções, ficou claro que as nações ibéricas estavam interessadas em permanecer definitivamente na região, iniciando-se, assim, um processo de conflito político, militar, econômico, religioso. O objetivo luso era intervir no comércio espanhol, pois vinha sofrendo duras perdas desde 1640, quando do término da União Ibérica. A partir da segunda metade do século XVII, as reduções em território sulino estavam organizadas econômica, política e culturalmente de uma forma independente da espanhola, iniciando-se um processo cada vez mais intenso de expansão territorial rumo ao sul, como se verifica pela narrativa de Fernando Camargo:



“As reduções, ou missões, de San Luís, San Borja, San Miguel, San Ángel, San Juan, San Lorenzo e San Nicolás se desenvolviam a olhos vistos e se transformavam nas pérolas da experiência missionária jesuítica. O território básico que ocupavam era delimitado pelos rios Uruguai, Ibicuí e Jacuí, mas suas adjacências se estendiam, através das chamadas *estâncias* dos povos, até os campos orientais, às proximidades do rio Negro.” (CAMARGO, 2001, p. 61).

O retorno dos jesuítas à região do Tape em 1682 deu-se, sobretudo, pelas pressões sofridas a partir da grande procura pelo couro na economia platina. No entanto, o interesse por este produto, abundante na região ao norte do Prata, também se deu por parte dos lusos, que já possuíam um ponto mais ao sul sob seu domínio, a Colônia do Santíssimo Sacramento.

Segundo Sandra Pesavento, as Missões eram

“unidades economicamente desenvolvidas, praticamente autônomas, exportando para a Europa, enviando tributos ao Geral de Companhia, em Roma, com influência política dentro dos Estados Católicos da Europa, a Companhia de Jesus tornou-se pouco a pouco uma ameaça. Generalizou-se o boato de que a ordem jesuíta se constituía num “Estado dentro do Estado e que os padres estariam com intenção de fundar um ‘Império Teocrático na América’” (PESSAVENTO, 1997, p. 12).

Contrapondo-se a isso, Mário Maestri afirma, em sua obra, *História do Rio Grande do Sul: a ocupação do território*, que

“jamais houve projeto jesuítico de construção de um reino teocrático-cristão nas Américas – Império Universal. Após algumas décadas, quando as comunidades nativas estavam estabilizadas, elas transformavam-se em doutrinas, ficando sob a autoridade eclesiástica dos bispos e, portanto, das Coroas Ibéricas, responsáveis pela administração religiosa nas colônias.” (MAESTRI, 2000, p. 61)

Quevedo afirma, analisando a obra *A cristandade colonial: mito e ideologia* de Riolando Azzi, que “a Missão fazia parte do projeto de Cristandade Colonial, no qual o jesuíta foi o principal artifício, ao converter o guarani em ‘índio reduzido’” (QUEVEDO, 2000, p. 13).

No período que compreendeu o final da primeira metade do século XVIII, as condições de diálogo entre os espanhóis, os luso-brasileiros e os guarani-missionários na região do Prata eram quase insustentáveis. É importante comentar que o espaço geográfico regional que abrigava os guaranis era manejável e disperso e foi nele que se desenvolveram todos os tipos de relações econômicas, políticas e sociais dos índios. Na região é que se forma a identidade. E nesta região, foi-se, aos poucos, transformando a identidade guarani em identidade espanhola pela persuasão da aculturação empreendida pelos jesuítas. Enquanto, na Europa, os vassallos das Coroas de Portugal e Espanha disputavam as terras por meio de lutas, nos meios políticos ocorria uma permanente



troca de acusações, motivadas pela expansão ibérica na América, com ocupação de regiões desconhecidas. Para isso, baseavam-se no Tratado de Tordesilhas, que definia limites de fronteira, embora ninguém soubesse precisamente onde estavam esses limites. Nesse contexto, os monarcas das duas Coroas assinaram, em 1750, um novo tratado, com objetivos políticos, econômicos e geográficos, o Tratado de Madri.<sup>6</sup>

No setor econômico, as Missões possuíam papel importante dentro do Estado Espanhol na América, pois exportavam grande quantidade de produtos, inclusive para a Europa. Os índios reduzidos industrializavam a erva-mate e tinham uma colheita farta. Eles possuíam duas formas de trabalho com a terra: Tupã-baé, que nada mais eram do que as terras de Deus, onde eles trabalhavam comunitariamente durante um certo período e o que colhiam revertia para a comunidade; Aban-baé, que eram terras de uso próprio de cada família indígena, mas que não eram mais bem exploradas em razão da falta de tempo e de energia suficiente para o trabalho (QUEVEDO E TAMANQUEVIS, 1995). Como todos os outros meios de produção, a terra era da comunidade, formada pelos padres, pelos representantes da Coroa e de Deus. Os índios, por consequência, defendiam esta terra e a bandeira castelhana. Entretanto, com o início da demarcação das terras que estavam sendo passadas para o domínio português, os índios reduzidos nas Missões revoltaram-se. Esse fato acabou gerando a Guerra Guaranítica, que se iniciou em 1754 e acabou com o combate de São Miguel, onde os índios foram massacrados e derrotados pelos portugueses em 1756.

### **A visibilidade midiática dos Sete Povos das Missões**

Para sabermos o que dizem as notícias atuais sobre os Sete Povos das Missões, passamos a coletar todas as notícias relacionadas desde o dia 30 de novembro de 2009 e se estenderá por um período de um ano. O objetivo é compreender o discurso midiático sobre essa região, sua população e sua cultura. O material coletado será analisado posteriormente ao período de coleta, presente nos jornais: Zero Hora, Folha de São Borja, Folha Regional e Folha de São Paulo (versão online), como também nos sites de notícias: Clic RBS, BBC Brasil e El País (pela relação da Espanha e o patrimônio

---

<sup>6</sup> O tratado continha três artigos fundamentais para a redefinição do espaço, que objetivavam reduzir o contrabando, criar uma zona neutra e fortalecer o equilíbrio entre as duas nações ibéricas e seus domínios. Ainda segundo o tratado, caberia à Espanha a zona portuária do Prata, enquanto Portugal dominaria o interior e grande parte da hidrografia. O tratado também redimensionou a função e o espaço das Missões na região, inserindo-as na zona neutra como elemento mantenedor da fronteira. O papel beligerante de Sete Povos foi bastante reduzido em função do propalado equilíbrio, sendo entregues aos luso-brasileiros. Ver mais em QUEVEDO, Júlio. *Guerreiros e jesuítas na utopia do Prata*. São Paulo: Edusc, 2000. p.159.

cultural deixado pelos jesuítas e os indígenas que viviam nas missões).

No jornal Folha de São Paulo, até o momento não foi encontrado nenhuma notícia com relação aos Sete Povos das Missões, também não houve registros nos sites BBC Brasil e El País. No site Clic RBS as missões são seguidamente citadas apenas como uma localização, sempre que acontece algo em uma das cidades próximas, o site se refere como acontecido na “região das missões”. Isto também acontece no jornal Zero Hora, inclusive, muitas vezes, é veiculada no jornal a mesma notícia encontrada no site, pois ambos pertencem ao Grupo RBS, que também possui canais de TV, rádios e outros jornais de circulação em todo o território do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Durante o período pesquisado, uma notícia que foi amplamente divulgada, no site Clic RBS, e nos jornais Zero Hora e Folha de São Borja, trazia informações sobre o Caminho das Missões. Trata-se de um roteiro cicloturístico que percorre algumas das cidades pertencentes à região missioneira e que é oferecido pela agência de turismo denominada Caminho das Missões. O site Clic RBS disponibilizou em sua reportagem o site da agência de turismo, para informações e possível utilização de seus serviços. O mesmo aconteceu no jornal Folha de São Borja, com informações de um grupo de turistas que estavam de passagem pela cidade através desse circuito. A reportagem conta algumas opiniões dos peregrinos e fala sobre um ritual indígena feito antes de começar a caminhada, que, segundo a crença, com este ritual, as energias negativas se transformam em energias positivas, fazendo com que se concentre mais força para enfrentar um determinado desafio.

### Peregrinos percorrem de São Borja até São Nicolau

Foto: Osmar Pires



Mais um grupo de peregrinos do programa Caminho das Missões partiu na segunda-feira, dia 8, de São Borja com destino à cidade de São Nicolau. O grupo formado por quatro pessoas irá percorrer em seis dias cerca de 155 quilômetros.

O guia do grupo, Romaldo Santos, explica que a experiência de conhecer a região serve para passar o conhecimento vivido no local, em que muitas vezes as pessoas só conhecem através da TV. “Vários fatores levam as pessoas a ser um peregrino. Andar a pé, proporcionar ter um contato mais próximo com a região para poder conversar com os moradores do interior e saber um pouco mais da cultura missionária”, enfatiza Romaldo.

Para a paulista e agente de turismo Susana Bellini, está é uma forma de conhecer a gastronomia local, viver o cotidiano e saber das necessidades da população rural. “Nós poderíamos escolher o melhor hotel, mas preferimos vir pra cá, pois neste trajeto a única forma de conhecer uma parte dos sete povos missionários e também desenvolver o autocuidado, superando os desafios”, conta ela.

Antes de iniciar a caminhada, o grupo participou do ritual de guerra de ervas, que era realizado pelos indígenas. A crença era que, com essa erva, as energias negativas seriam transformadas em positivas e que concentraria mais força para enfrentar um desafio, no caso dos peregrinos, a caminhada. Na cerimônia é explicada a importância da erva mate e é tratado sobre a história dos sete povos missionários. Após isso, cada integrante pegou um pouco de erva mate, fez um pedicelo e a queimou em um vaso de ferro.

O grupo caminha pelo território são-borjense por três dias. Após chegar ao rio Uruguai, os peregrinos percorrem três quilômetros a bordo de um bano, passando também pelo rio Uruguai. Este caminho foi criado em 2005 e é mais procurado por pessoas que já participaram de edições anteriores da peregrinação.

**Zé Boca, tropeiro do Criador, que foi à galopito, Arrebuchando as almas de três perdidas pelos campos e Barrancas dos rios...**

Suzana Gruber

Do Zé sinto a saudade das poucas, o espírito, o invento, o abraço, Fala-me São Borja...

Do Zé também me fica a imagem, o espírito, a música, Fica a São Borja, Mas não a São Borja que era imbuída, com seus cantos e encontros, com melodia e poesia que percorriam nos e nos, corpos e almas...

Do Zé fico e sinto, mas também a tristeza, Fica a proteção, mas também a vontade, Fica a música, mas também o silêncio, Fica o abraço, mas também o desconforto...

### Caminho das Missões

No Rio Grande do Sul, a principal rota de cicloturismo percorre a região missioneira. Conhecido como Caminho das Missões, o roteiro oferecido pela agência homônima tem opções de ser realizado em três ou cinco dias. Em três dias, a distância é de 170 quilômetros, entre São Nicolau e Santo Ângelo. Em cinco dias, são 325 quilômetros, entre São Borja e Santo Ângelo. Saiba mais em [www.caminhodasmissoes.com.br](http://www.caminhodasmissoes.com.br)

ANTERIOR LISTA IMPRIMIR ENVIAR LETRA A- | A+ PRÓXIMO

### São Borja recebe imagem de seu padroeiro quase 145 anos depois

A celebração do jubileu da Diocese de Uruguiana no próximo sábado, dia 1º de maio, coincide com um fato considerado histórico para São Borja, além de ter caráter religioso de muita profundidade. Está sendo esperado, com muita ansiedade, pelos sacerdotes das paróquias e das pequenas comunidades do centro e do Paro, o retorno da imagem jesuítica de São Francisco de Borja, padroeiro de uma das paróquias locais e da cidade. A vinda da imagem aconteceu no final do ano passado e agora está se concretizando graças de um gesto louvável da família do ex-presidente João Belchior Marques Goulart.

Segundo fatos históricos pesquisados pelos padres Neto Guares Machado e José Augusto Nunes, a imagem de São Francisco de Borja foi levada da matriz do Centro durante a Invasão de São Borja, na Guerra do Paraguai, em 10 de junho 1865, e ficou por algum tempo em Assunção, capital do Paraguai.

Mais tarde, a imagem foi doada para ao então presidente da República, João Goulart, pelo general Alfredo Stroessner, presidente do Paraguai na época. Agora a Família de Jango está devolvendo a imagem ao seu lugar de origem, a Igreja Matriz São Francisco de Borja.

Dois pessoas estão diretamente ligadas ao gesto: a ex-primeira dama do país, Maria Tereza Goulart, viúva do ex-presidente Jango, e o advogado Christopher Goulart, neto do ex-presidente. As negociações ao retorno da imagem se seguiram durante vários meses e no último sábado, dia 04, Christopher confirmou a vinda de papa histórica e religiosa. Um local especial está sendo preparado para colocação da imagem junto à matriz São Francisco de Borja.



Pronto antes da celebração do jubileu da Diocese no sábado, que coincidirá com a chegada da imagem do padroeiro, haverá carreta desde a antiga Granja São Vicente, a conhecida “Granja do Jango”, BR 470, até o Parque Esportivo General Vargas Celebration. A programação terá prosseguimento com entrega oficial da imagem pela família Goulart ao bispo diocesano Dom Aclélio Dilli e ao prefeito Marivane Weiss. Na sequência haverá discursos de um representante da família Goulart, do bispo Dom Aclélio Alberto Dilli e do prefeito Marivane Weiss.

Terminada a missa, a intuição da Paróquia São Francisco de Borja é de realizar uma grande procissão com o padroeiro até a matriz do Centro. Na matriz acontecerá uma bênção do local pelo bispo diocesano e discurso do pároco como forma de acolhimento da imagem de volta à sua casa.

**CHEGADA E RESTAURAÇÃO**

Informantes da paróquia São Francisco de Borja são de que a imagem do padroeiro chega amanhã, dia 29, à cidade onde ficará guardada até o dia 1º. Não há muitas informações sobre a escultura do padroeiro de São Borja, mas se sabe que se trata de obra jesuítica e que faz parte do acervo da antiga matriz do Centro. Agora, as lideranças católicas desejam aprofundar estudos sobre ela, pois deverá atrair grande número de fiéis e turistas à Igreja já nos próximos meses. Há necessidade de restauração da imagem, mas isto será definido pela direção da Igreja no cotidiano.

Outra notícia encontrada em vários exemplares do jornal Folha de São Borja

tratava de uma imagem do padroeiro da cidade, São Francisco de Borja, feito de madeira talhada, que foi doado recentemente à cidade por membro da família do ex-presidente João Goulart nascido nessa cidade. Especula-se que a imagem seja da época em que estavam instaladas as reduções jesuíticas na cidade e que esta tenha sido roubada da igreja matriz por paraguaios durante os saqueamentos sofridos em 1865.

Esta imagem teria sido presenteada a João Goulart pelo presidente do Paraguai na época, Alfredo Strossner, ao saber que a cidade natal de Jango tinha o santo como padroeiro. Ela permaneceu com a família do presidente brasileiro até que os familiares decidiram doá-la no dia primeiro de maio de 2010. Desde a primeira reportagem relacionada ao Santo até a data da chegada da mesma em São Borja, foram veiculadas cinco notícias falando sobre o assunto, algumas remetendo ao resgate da memória através da possibilidade desta ser uma imagem missioneira, outras simplesmente relembrando o fato, as visitas da família para tratar do assunto, a proximidade da data de entrega da imagem, valorizando a atitude da família do ex-presidente.

Com a proximidade do aniversário do município, esse mesmo jornal veiculou algumas reportagens especiais em comemoração da data, dentre estas, havia uma que destacava a história da cidade desde sua origem jesuítica.

**Pelo Rio Grande**

Local onde fundou-se redução jesuítica querem ser rememorado

### MISSÕES EM FESTA

## Inaugurado novo centro histórico

Após quatro anos de obras, população de Santo Ângelo comemora praça

Luzes coloridas e fogos de artifícios iluminaram Santo Ângelo na noite de sábado, na solenidade de inauguração do Centro Histórico.

O espaço estava em reforma há quatro anos. As obras revitalizaram a Praça Pinheiro Machado, área de lazer da redução jesuítica-guarani Santo Ângelo fundado no século 18.

O centro missionário Pedro Ortega se apresentou após os discursos da inauguração, que integrou a programação dos 17 anos de município comemorados hoje.

Entre os atrativos, a praça ganhou um túnel com arcos que simbolizam os 30 povos missionários fundados pelos jesuítas na América do Sul.

#### Como ficou a nova praça

> Um pórtico na praça marca a antiga entrada da redução jesuítica-guarani. Há um túnel, uma escultura de um arcebispo, em bronze, abençoando uma cidade, também em bronze.

> Há uma nova ilha verde que, além de indicar as direções, sugere uma organização interior.

> Próximo à porta sobre o lago, com além de pilões que são réplicas das que existiam nas reduções.

O antigo povoado também é revivido nos bancos emoldurados, pintados, e por um sítio com inscrições em guaraní, que remete ao modo como os moradores da época entravam acordados ou leitosos nas congregações. Banco de arcos são detalhes esculpidos por toda a praça.

2 **FOLHA Especial** Sábado, 22 de maio de 2010

## Um pouco da história de São Borja

Sob a invocação de São Francisco Borja, a localidade de São Borja foi fundada por jesuítas espanhóis. Sua instalação efetiva como povoado, com jurisdição própria, aconteceu no ano de 1682. Foi o primeiro dos Sete Povos Missionários, a ser organizado após a primeira fase das Missões Orientais, que haviam sido destruídas pela invasão dos bandeirantes que as destruíram totalmente.

Povoada por índios reducionistas, sob jurisdição social dos jesuítas e política da Espanha, São Borja passou ao domínio português no ano de 1801, através da conquista do Território das Missões por Borges do Couto, Gabriel de Almeida e Manoel dos Santos Pedroso. Pela distribuição de assinaladas aos soldados e colonos portugueses, iniciou-se então o povoado de maneira efetiva.

Administrativamente São Borja pertenceu a

Rio Paró, do qual foi desmembrada por Resolução Provincial de 11 de março de 1833, assistida pelo então governador da província, Manoel Antônio Galvão. Essa Resolução dava validade à transferência do Alvará Imperial de 13 de outubro de 1817, o qual criava Vila de São Luiz Gonzaga - não instalada na época por precariedade de meios.

Em termo Municipal de 21 de maio de 1834, foi instalada a Vila de São João e em 8 de maio de 1846, era então elevada à categoria de Paróquia sob a invocação, agora oficial, de São Francisco Borja. A Lei nº 185 de 22 de outubro de 1850, criava em São Borja sua primeira Comarca. Finalmente, em 21 de dezembro de 1887, era elevada à condição de cidade.

A condição de município consta de data de 21 de maio de 1934, portanto, como data de aniversário de São Borja. Foi nesta data que aconteceu de forma oficial a emancipação político-administrativa do município com a instalação da primeira Câmara Municipal que teve como presidente João Palmiero que também foi o primeiro administrador do município.

No dia 10 de outubro comemora-se o dia do padroeiro do município, São Francisco de Borja. Esta data também é lembrada, por muitos historiadores como fundação da localidade.

*Palácio João Goulart, onde funciona a administração municipal*

Outro evento que movimentou a imprensa estadual em torno de assunto missionário foi a inauguração das novas instalações da praça central de Santo Ângelo, ocorrida no dia 20 de março de 2010. Foram encontradas duas notícias no jornal Zero Hora. A primeira data do dia 18 de março de 2010, e anuncia a data de inauguração, além de falar sobre o valor histórico que o local possui, contando um pouco da história dos 30 povos Missionários, da composição das reduções, dos trabalhos feitos pelos



jesuítas junto aos guaranis e do museu à céu aberto com fragmentos das reduções revelados através de escavações no início das obras de reestruturação da praça.

Na segunda reportagem sobre a inauguração, o jornal Zero Hora do dia 22 de março de 2010 traz a seguinte manchete: “Inaugurado novo centro histórico”, contando como foi a noite de inauguração do Centro Histórico que estava em reforma há quatro anos. São abordados detalhes da nova arquitetura da praça, como arcos que simbolizam os 30 povos missioneiros, pisos que são réplicas dos utilizados nas reduções, rostos de anjos, dois chafarizes, cruzes missioneiras, bancos estilizados e um sino com inscrições em guarani.

Duas últimas informações são encontradas no jornal Zero Hora. Uma delas está vinculada à questão política. Trata-se da visita do candidato ao governo gaúcho, Tarso Genro, acompanhado de Olívio Dutra, ex-governador do estado às ruínas das reduções de São Miguel. A outra foi publicada na seção “Foto do Leitor”, a fotografia enviada por Ricardo Ferreira Bernardo, onde aparecem ovelhas pastando próximo às ruínas da redução de São Lourenço Mártir.

### **Mokoi Tekoá Petei Jeguatá**

No Brasil, segundo o site da FUNAI, existem cerca de 460 mil índios em 225 sociedades indígenas, isso significa 0,25% da população brasileira, considerando somente aqueles que os que aguardam reconhecimento de sua condição indígena e 63 referências de índios não contatados.

Em meados da década de 90, os Mbyá-Guarani começaram a expor seus artesanatos no alpendre do Museu das Missões no Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo. Esperam pelo dinheiro deixado por visitantes e turistas que permitem a compra de alimentos entre outros gêneros de primeira necessidade. Desde o fim do período jesuítico (1626-1768) até a promulgação da Constituição de 1988, que garantiu o respeito às diferenças culturais e à mobilidade tradicional dos Mbyá-Guarani, temos a notícia de que havia muita repressão no que se refere à mobilidade guaraníca, pois era determinado que permanecessem nas terras indígenas demarcadas.

Uma questão importante a destacar, que encontramos no *Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) Comunidade Mbyá-Guarani em São Miguel Arcanjo*, publicado em 2007 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), diz respeito à visão que os indígenas suscitam nos visitantes desse sítio arqueológico. Ao mesmo tempo em que provocam um encantamento, também motivam



um sentimento de repulsa, uma visão romantizada de suposta miséria ou como se fossem “restos do paraíso”. Essas, entre outras questões, vão de encontro com o pensamento dos Mbyá. Muitas pessoas inclusive contestam a presença deles no sítio por considerar uma obra exclusivamente jesuítica, esquecendo de que as pedras que construíram as reduções foram trazidas pelas mãos dos antepassados desses povos indígenas e que muitos morreram para realizar esse trabalho.

No documentário, que foi apresentado em vários festivais, ganhando inclusive um prêmio de melhor filme do ForumDoc, Belo Horizonte, 2008, os Mbyá-Guarani apresentam a sua realidade através de seu próprio olhar sobre suas vidas, culturas, religiosidades, tradição. Também questionam identidades civis arbitrárias que não reconhecem sua cidadania enquanto Guarani. Cidadania que se refere ao vínculo político, à participação efetiva do sujeito na vida social e na vida do Estado, com direitos e deveres constitucionalmente assegurados.

O local onde foram realizadas as gravações são as matas onde os guaranis procuram o material para a confecção de seus artesanatos, as aldeias, o alpendre da praça do Museu das Missões em São Miguel e os lugares públicos de grande trânsito de pessoas, como a rua da Praia em Porto Alegre. Espaços que circulam na sua rotina cotidiana.

A emissão da informação é adversa, no sentido de que ao invés de vermos, como é de praxe, uma fala sobre o indígena mediada pelo olhar de uma sociedade “branca” tradicional ou mesmo mediatizada pelos meios massivos, assistimos à criação de um roteiro que foi feito por pessoas que narram elas mesmas sobre seus costumes e tradições, ou seja, é apresentado um olhar do verso da história, que não existe nos livros, e que até ridiculariza a ignorância culta dos “brancos”. Nesse sentido, lembramos Grimson quando afirma que os meios massivos são fábricas de incertezas, uma vez que cumprem o papel de publicar os acontecimentos, embora esse ato de publicar não signifique por em comum, tornar público e compreensível por parte dos/as receptores/as (GRIMSON, 2007, p. 2).

O roteiro expressa a atualidade em que vivem duas aldeias nas proximidades do Sítio Arqueológico de São Miguel das Missões. Com pouca extensão de terras a sua disposição, os Mbyá-Guarani ficaram sem matas para caçar e sem local para plantar, dependendo da venda do seu artesanato para sua sobrevivência. Com uma capacitação técnica, três jovens, entre eles um cacique, acompanharam e registraram o cotidiano de duas comunidades indígenas das quais fazem parte e que possuem a mesma história, do primeiro contato com os europeus até o convívio frequente com os demais sujeitos da



sociedade atual. O espaço é marcado internamente pela diferença cultural e, entre outros fatores, como afirma Bhabha (1998) por culturas locais em tensão.

A riqueza de sua cultura, a religião e o orgulho que possuem de serem Guaranis são apresentados nesse trabalho. A visibilização desse outro modo de olhar, partindo do discurso do próprio sujeito que dá sentido a sua história, contribui para diminuir o preconceito com relação ao povo indígena, ao mesmo tempo em que explica didaticamente as formas tradicionais de subsistência Guarani. Isso confirma a proposição de Arendt de que é necessário que as coisas sejam visibilizadas para atestarem que de fato existem, no mundo de hoje, a aparência constitui a realidade (ARENDR, 1997, p. 59), característica essa fundamental na configuração da esfera do midiático. Em suma, apareço, logo existo (SILVA, 2008).

Como afirmamos no início desse artigo, estamos num momento de redefinição e adequação da nossa investigação, de acordo com o que encontramos no empírico. Ela se encontra num momento inicial de coleta de dados e realização de leituras e discussões teóricas que nos levem a refletir e compreender melhor sobre o nosso objeto de estudo e os demais elementos que nos são apresentados. Assim, cabe descrever sinteticamente algumas cenas presentes no documentário, que impactaram na visão de pesquisador/a, mas que, por sua vez, não se desvincula de sua posição de espectador/a e sujeito pertencente a uma determinada cultura. Uma delas, o sentimento primeiro é de repúdio, compaixão pelo animal. Eles caçam um passarinho, matam, depenam e o cozinham para depois comê-lo. Enquanto comem, eles comentam que os “brancos” devem sentir pena do bichinho quando forem ver o filme e, por isso, não devem gostar dessa cena, e riem, conhecedores do sentimento exato causado quando assistimos a cena. Numa segunda, eles entrevistam visitantes do Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo sobre o que pensam a respeito dos indígenas que estão vendendo artesanato. Os relatos expressam opiniões que povoam o imaginário coletivo sobre essa população, “sujos”, “coitadinhos”, mas que são colocadas em xeque quando o cacique, que está gravando as imagens, explica alguns dos motivos deles estarem ali.

Enfim, podemos perceber que o elemento fundamental, que perpassa todo o roteiro, é o seu uso como ferramenta para o resgate cultural das tradições guaraníticas, já que eles possuem uma preocupação em manter viva a tradição passada de geração em geração, baseada inicialmente na oralidade, mas que hoje se mistura aos meios de comunicação e ao contato com outra ética e outra estética. As identidades culturais se tornam fundamentais para o sujeito como fonte de significação e reconhecimento na



sociedade, mas também de discriminação. Castells defende a etnia como fonte de significado e identidade a ser integrada com princípios mais abrangentes de autodefinição cultural – religião, nação ou gênero (CASTELLS, 2001, p. 72). A experiência cultural rege a vida de cada indivíduo. Martín-Barbero já definia a cultura como a grande mediadora de todo processo de produção comunicativa, que sempre acontece dentro de uma determinada cultura. As relações cotidianas, a sociabilidade, enfim, a *práxis* comunicativa, é lugar de interpelação e constituição dos atores sociais e de suas relações com o poder (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 17).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. 8.ed. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 1997.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte : UFMG, 1998.
- CAMARGO, Fernando. *Britânicos no Prata: caminhos da hegemonia*. Passo Fundo: Ediupf, 1996. (Série Ciência).
- \_\_\_\_\_. *O Malón de 1801: a guerra das laranjas e suas implicações na América Meridional*. Passo Fundo: Clio Livros, 2001.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. V. 2 (A era da informação: economia sociedade e cultura). São Paulo : Paz e Terra, 2001.
- FLORES, Moacyr. *Reduções Jesuíticas dos Guaranis*. Porto Alegre: Edipucrs, 1997.
- ÍNDIOS. In: <<http://www.funai.gov.br/indios/conteudo.htm#HOJE>> acessado em 05 de julho de 2010 às 20h (GMT -3).
- GOMES, Pedro G. *Tópicos de teoria da comunicação : processos mediáticos em debate*. 2.ed. São Leopoldo : Unisinos, 2004.
- GRIMSON, Alejandro. *Resguardar nuestra incerteza acerca de la incertidumbre : debates acerca de la interculturalidad y la comunicación*. Diálogos de la comunicación, Lima n. 75, set./dez. 2007. Disponível em: <[http://www.dialogosfelafacs.net/75/articulo\\_resultado.php?v\\_idcodigo=39&v\\_idclase=7](http://www.dialogosfelafacs.net/75/articulo_resultado.php?v_idcodigo=39&v_idclase=7)>. Acesso em: 15 jan. 2008.
- GUTIÉRREZ, Marisol Rodríguez. *Testimonio y poder de la imagen*. In: BAZTÁN, Ángel Aguirre (ed.). Etnografía: metodología cualitativa en la investigación sociocultural. p. 237-247. Barcelona : Gustavo Gili, 1995.
- MAESTRI, Mário. *Uma história do Rio Grande do Sul: da pré-história aos dias atuais*. 2.ed. Passo Fundo: UPF, 2000.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações : comunicação, cultura e hegemonia*. 2.ed. Rio de Janeiro : UFRJ, 2003.



PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. 8. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

QUEVEDO, Júlio (Org.). *Rio Grande do Sul: quatro séculos de história*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1999.

\_\_\_\_\_. *Guerreiros e jesuítas na utopia do Prata*. Bauru, SP: Edusc, 2000.

\_\_\_\_\_; TAMANQUEVIS, José C. *Rio Grande do Sul: aspectos da história*. 4.ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1995.

RODRIGUES, Adriano. *O discurso dos media*. In: \_\_\_\_\_. O discurso mediático. Lisboa, 1996 (mimeo).

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. *Comunicação e Semiótica*. São Paulo : Hacker, 2004.

SILVA, Denise T. da. *Fotografias que revelam imagens da imigração: pertencimento e gênero como faces identitárias*. Tese de doutorado (2008). PPG Ciências da Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

SILVEIRA, Helder Gordim da. *Argentina X Brasil: a questão do Chaco Boreal*. Porto Alegre: Edipucrs, 1997.

SOUZA, José Otávio C. de, et alli. *Tava Miri São Miguel Arcanjo, Sagrada Aldeia de Pedra: os Mbyá-Guarani nas Missões*. IPHAN, 2007.

THOMPSON, John B. *O advento da interação mediada*. In: \_\_\_\_\_. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis : Vozes, 1998.

VERÓN, Eliseo. *Esquema para el análisis de la mediatización*. Diálogos de la comunicación, Lima, p. 9-17, out. 1997.